

## A EXPOSIÇÃO DE QUADROS, NA GALERIA DO DEPOSITO DE FAIANÇAS DAS CALDAS, NA AVENIDA



LITH. DE BORDALLO PINHEIRO

Oito artistas destacados do Grupo do Leão expõem varias telas, entre as quaes figuram algumas já anteriormente expostas, como é costume nos paizes onde as artes despertam verdadeira attenção, sendo assim que se ajuiza dos progressos do artista e que os amadores formam as suas collecções, adquirindo primicias de artistas já reputados.

D. Bertha Ramalho Ortigão apresenta, entre outros, um formosissimo quadro em que sobresaie um arenque que parece obra de Valon, o celebre pintor de peixes.

Aquella mão gentilissima de senhora tem sobre a tela a firmeza masculina d'um pulso de artista consummado.

D. Maria Augusta Bordallo Pinheiro, expõe umas deliciosas flores a pastel, d'uma viveza e d'uma verdade inexcediveis, d'uma frescura e d'uma vivacidade de cores que a natureza não transpõe.

O retrato d'uma senhora, pintado por Silva Porto, se figurasse no *Salon* despertaria infallivelmente o applauso da critica pela maneira larga e correctissima porque está pintado.

As marinhas de Vaz, magnificas de verdade; os quadros optimamente tratados.

Reis, um moço que expõe pela primeira vez, revela um grande talento, mostrando-se digno discipulo de Silva Porto. A sua primeira exposição dá-nos a revelação d'um grande artista.

Villaça, um artista educado e conhecido em Paris, é a primeira vez que expõe entre nós os seus pasteis; artista elegantissimo no modo de fazer, os seus quadros revelam todos uma grande finura de tom e uma grande delicadeza de toque.

Columbano, além d'outras telas vigorosas, tem um esplendido retrato a pastel, e que e sem duvida uma das melhores coisas que modernamente se tem pintado.

N'esta exposição figura tambem o soberbo quadro de ovelhas e carneiros, de Annuniação, uma obra prima de arte nacinal e que o museu de bellas artes devia adquirir, visto não ter nenhum da sua valia.

## CHRONICA

Não ha fome que não dê em fartura e assim igualmente fartura que não desande em fome.

A cidade, que ainda ha pouco estava a deitar por fóra de naturaes e forasteiros, tendo devolvido estes ás provincias expeditoras, começa a enviar aquelles para os casinhotos de campo, *chalets* de praias e hotéis de thermas, que constituem o oasis providencial onde o lisboeta se refugia um trimestre de cada anno, acosado pelo calor abafadiço da capital e porventura—ou leia-se antes por desgraça—necessitado de retemperar em ondas salgadas como o bacalhau as carnes espalmadas como um rabo d'aquelle mesmo peixe, ou de reconstruir em aguas cheirosas a ovos chocos o seu estomago arruinado pelo moderno veneno dos Borgias, introduzido no seio das cosinhas com o pomposo titulo de *arte culinaria*.

Os diversos grupos do *high-life* esperam apenas, para se pôrem a caminho, o exemplo dos grandes potentados da moda, que são como que as abelhas mestras do elegante enxame e de cuja vontade depende a marcha e a entrada para o cortiço de fóra de portas.

Assim como os artilheiros aguardam, de morrão acceso e ouvido á escuta, a voz do commandante que hade fazer explodir o cartucho e marchar o projectil, assim tambem as familias do *high-life* esperam, de loiças encaixotadas e malas a tiracolo, o momento psychologico de bom tom para carregar a maca e partir para a Ericcira.

Ora esse momento é, já o dissemos, quando as abelhas mestras da nossa primeira sociedade levantam o voo dos urbados palacetes para as rusticas habitações de fóra, trocando as botas de pellica pelos sapatos de vitella e substituindo os bengallões á directorio pelos cajados de canna da India com ponteiras de metel branco.



O lisboeta elegante, attento ás noticias jornalisticas, como o artilheiro de que fallámos á voz do commando, toma posição á proporção que essas noticias lh'o vão determinando.

«Partiu hontem para tal parte o sr. visconde de \*\*\*»

— Preparar! diz o elegante, entrouxando o seu fato de banho e cortando o cabello curto para facilitar a enxuga de todos os dias.

«Vae hoje para tal sitio a sr.<sup>a</sup> marquesa de A. B. C.»

— Apontar! E manda chamar o capataz d'uma casa de malta, encomendando gallegos e padiola á altura da gravidade da mobilia.

«Marcha amanhã para Pedreiroços o sr. Fontes Pereira de Mello.»

— Fogo! E parte como um raio ao galope desfechado da sua parelha hanovreana.

A'quelles que, como nós, temem de ficar agarrados ao pôtro da obrigação, resta apenas o refrigerio de passear á tarde na Avenida, jantar no restaurante do Rosa Araujo, fazer o chylo na exposição de faianças das Caldas da Rainha e desopilar depois um bocadinho de maus humores em qualquer theatro benemerito, cuja benemerita companhia tenha tido a condescendencia de não nos dar com a porta na cara durante esta aridez de divertimentos que temos de atravessar.

Depois de saborear os pasteis do Rosa Araujo—os famigerados pasteis que metteram n'um chinello velho todos os seus collegas de Marvilla, de Santa Clara e tantos outros de creditos seculares—nada mais correcto nem mais apropriado de que sair do restaurante, lambendo ainda os beiços dos pasteis do Cócó, e entrar na porta ao lado a apreciar os outros *pasteis* que, pelo facto de serem servidos em tela, valem ainda muito mais de que os outros que se servem em pratos, visto como estes representam apenas o alimento do corpo, que é vil, ao passo que aquelles significam o alimento da alma, que é nobre—estando, como está, sabido que as almas difficilmente se contentam, com excepção das do purgatorio, porque essas, coitadinhas, quaesquer dez reis lhes fazem arranjo, para a sopa vacca e arroz do seu respectivo andador...

O *pastel*, segundo dizem, é ao presente a pintura da moda em Paris. Assim, o lisboeta, que tudo copia dos parisienses, desde o laço da gravata até o laço do *tourmure*, hade fatalmente acompanhar esta moda, apreciando os bellos quadros expostos na Avenida, pelo que sinceramente o felicitamos, visto que esse facto nos virá demonstrar uma coisa da qual ainda nem tinhamos suspeitado: que o lisboeta não é tão tolo como o fazem.

Das companhias benemeritas que acima nos referimos podemos já fallar de duas. Da do Gymnasio e da do Chalet, que se constituíram em sociedade para nos darem magnificos espectaculos.

No Gymnasio representa-se entre outras uma esplendida comedia capaz de fazer rebentar de riso um sujeito—eu sei lá!—um sujeito a quem não tenha morrido a sogra n'esse dia!!! Chama-se *Os inquilinos do*

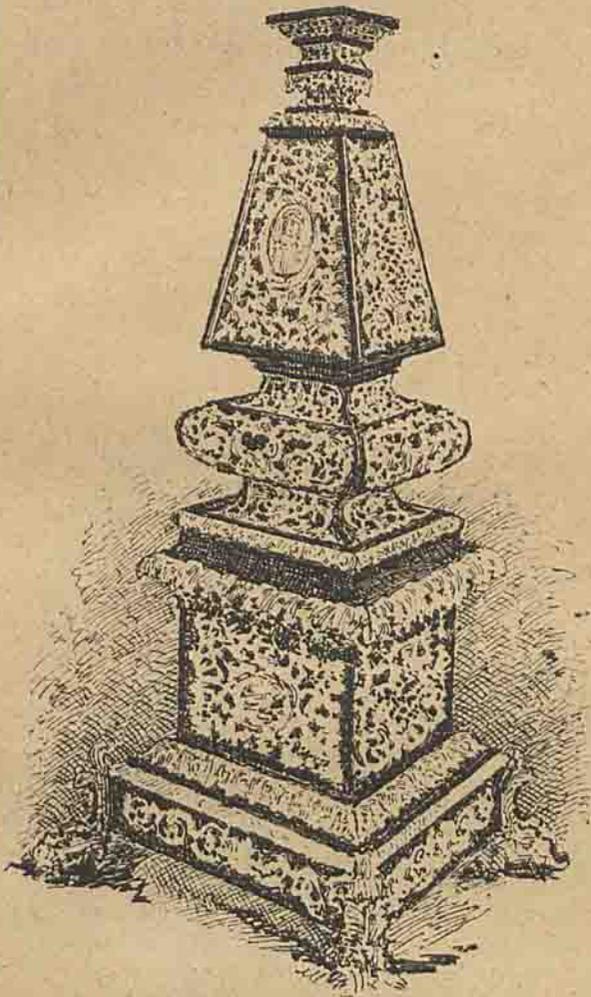


*sr. Blondeau* e as situações são de tal ordem que os espectadores, na maior parte inquilinos, não podem deixar de rir a bandeiras despregadas—apesar de terem constantemente á vista um exemplar de senhorio!...

No Chalet está em scena o *Duque de Vizella*, parodia muito bem aproveitada do *Duque de Vizeu* e cheia de ditos picantes como pimentinhas do Brazil.

Quando o calor seja de tal ordem que nem na propria Avenida haja fresco que nos satisfaça, o remedio é entrar para o theatro Chalet, onde as *frescuras* não faltam, graças a Deus mais ao Francisco Jacobetty.

OBRA DE TALHA ESCULPIDA POR ZEPHERINO DO PORTO  
E MANDADA EXECUTAR PELO DISTINCTO MEDICO RE-  
BELLO DA SILVA.



Cabe muita honra ao dr. Rebello da Silva por ocupar artistas portuguezes nos trabalhos importantes das suas salas, onde reune objectos d'arte de subido valor. A obra de que apresentamos o esboço levou annos a executar pelo habil artista que fez a celebre meza, que, se admira no Palacio da Bolsa, no Porto, e custou ao dr. Rebello uma somma avultada.

E' um trabalho delicadamente feito e d'uma grande nitidez de detalhes—Se todos que teem gosto em adornar ricamente as suas salas, occupassem os artistas portuguezes, teriamos muito mais artistas e muito mais obras notaveis que admirar.



## O BICHO DE SEDA

Até hoje, que me conste,  
Como o Vicente Monteiro,  
Em transformações d'aspecto,  
Ninguem andou mais ligeiro.

Das mutações mais extranhas  
Percorreu toda a verêda,  
Em trez mezes, quando muito,  
— Tal qual o bicho de seda.

De governador civil  
Occupando em tempo o nicho,  
Monteiro vivia molle  
— Tal como o citado bicho.

De governador, porém,  
Monteiro ferrando um pulo,  
Fez-se crysalida—consul  
— Deixou-se estar no casulo...

E ao cabo de pouco tempo  
Sac-nos Monteiro afinal  
Transformado em borboleta  
De grão director gerall...



## UM CONSELHO POR SEMANA

A' falta de melhor e a exemplo do que fazem muitos outros jornaes, inauguramos hoje esta nova secção —o que não quer dizer que tenhamos tenção de continual-a.

O conselho d'esta semana é, como o leitor vae vêr, uma receita muito superior áquellas que ensinam a fazer puding de laranja e licor de amendoa amarga.

E' nem mais nem menos, do que a

*Fôrma de viajar em caminho de ferro, com todas as commodidades e sem dispendio d'un vintem.*

Sem dispendio d'un vintem é modo de dizer: tera de se dispendir meio tostão, preço do bilhete que dá ingresso na gare de Santa Apollonia.

Uma vez ahi, escolhe-se um compartimento, cheio por familia pê de boi e onde se toma logar quando o comboio começa a marcha.

A curto trecho entabola-se conversação.

—Que calorsinho, hein?! isto é d'uma pessoa morrer assada! Que bocadinho que nós vamos passar...

—Vae para muito longe? pergunta-nos naturalmente o chefe da familia, com a intenção transparente como um crystal de Bacarat de saber por quanto tempo tem de aturar a estopada da nossa companhia.

—Vou, sim senhor; vou para Paris; respondemos nós em voz melancolica, quasi lacrimosa.

O nosso interlocutor deixa escapar um som rouco, que tanto pôde ser um suspiro de desgosto como um arrôto de assorda d'alho.

—Toca então a divertir, seu grande maganão? pergunta de sorriso bondoso, para attenuar o effeito do suspiro-arrôto.

—Qual divertir! vou mas é tratar-me com o sabio Pasteur.

—Pasteur?! Mas esse é o homem dos cães damnados!!!

—Dos cães e das pessoas, meu caro companheiro, confirmamos dolorosamente.

—Valha-me Santa Quiteria de Meca! Mas então bossa chouria... articula o pobre homem mais branco de que os proprios colleirinhos — para o que, diga-se a verdade, não será preciso muito...

—Estou damnado, sim senhor! respondemos rangendo os dentes como uma nora que não vê cebo desde recém-nascida.

E proseguimos, passeiando agitadamente de cá para

# UMA PARTIDINHA DE ASSALTO.



MEU ZÉ - SE JOGAS Á BRUTA PERDES A PARTIDA.

RAFAEL BORGHATO PINHEIRO

lá, enquanto a pobre familia salta dentro do compartimento, uns por cima dos outros, como uma duzia de gafanhotos mettidos dentro d'um copo:



— Fez hontem um mez que fui mordido : estava em casa muito soccegado, como agora, quando de repente me da o ataque da raiva e me atiro a minha sogra furioso, mordendo-a com uma vontade como se estivesse em meu perfeito juizo !...

N'este ponto do dialogo o comboio chega ao Poço do Bispo, a familia aterrorisada salta immediatamente para o chão mudando de compartimento e espalhando a noticia por toda a gente do comboio, incluindo o revisor, que não se atreve a vir pedir-nos o bilhete, enquanto nós, senhor da praça, nos espernegamos commodamente ao longo das almofadas, adormecendo pouco depois como um bemdito frade que está fazendo tiracinip para pessoa canonisada...



PAN-TARANTULA.

30 DE JUNHO

(DIALOGO)

*Bailio:*

— Eis-noe em 30 de junho,  
Em que, por velhas usanças,  
Eu me estafo e me desunho  
Andando atraz das mudanças.

*Um sucio:*

— D'espanto, meu caro, embucho,  
Com tal costume soez !  
— Que luxo reles! que luxo!  
Que *areia*, amigo marquez!

*Bailio:*

— Todo alegre me alvorôço...  
Será pulha e será reles...  
Mas vendo os moços não posso  
Deixar de m'ir atraz d'elles...

*Sucio:*

— Mas porque, com taes apegos,  
De seguir mudanças gostas ?!

*Bailio:*

Por ser dia em que os gallegos  
Andam c'os trastres ás costas...

PAN-TARANTULA



## CASOS, TYPOS E COSTUMES

## O BANHO

Elle era um homem alto... alto... alto...



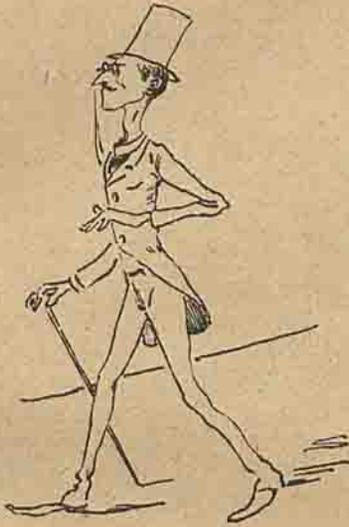
E outro um typo baixo... baixo... baixo...



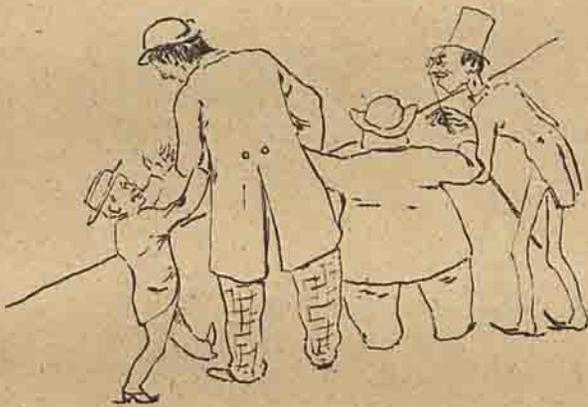
Mais outro um sucio gordo... gordo... gordo...



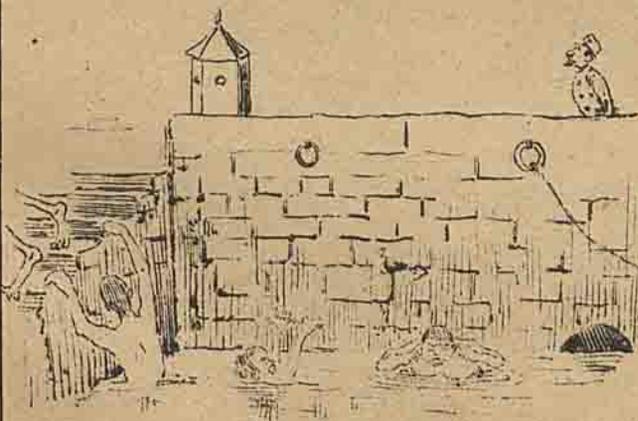
E ainda outro um melro magro... magro... magro...



Perseguidos da atroz calma  
Que vencer não pode o gelo,  
Refrescar vão corpo e rima  
Ao Aterro nus em pello...



Mas tal prazer se escangalha  
Antes que o corpo arrefeça:  
Chega um policia á muralha...  
—Toca a safar... e depressa.



Mas, em confusão palurdia,  
Todos quatro atrapalhados,  
Fazem nos fatos balburdia,  
E os fatos vestem trocados!...



O baixinho, sobretudo,  
Em posição das mais falsas,  
Co'as calças do mais taludo  
Vae tropeçando nas calças!...



Beijando o pó dos terrenos,  
Cae do guarda em unhas bravas...



Diz o rifão que os pequenos  
São sempre quem paga as favas...

THEATRO CHALET  
 DUQUE DE VIZÉLA  
 PARODIA DO  
 DUQUE DE VIZEU



JACOBETTY



UM ESPECTACULO ALEGRE E PROPRIO DA ESTACAO